

**TEMOS O PRAZER DE APRESENTAR:**



**O JORNAL DO CAEP**  
29/11/17

# SUMÁRIO

|   |         |
|---|---------|
| <b>Utilidade Pública:</b> Peguei muitas DPs. O que fazer? .....       | pág. 3  |
| <b>Entre Aspas:</b> Lucca Pérez .....                                 | pág. 4  |
| <b>Grupo de Extensão:</b> Peste Negra .....                           | pág. 8  |
| <b>Diário do intercambista:</b> Espanha .....                         | pág. 9  |
| <b>CAEAboa:</b> A busca pelo espaço do CAEA .....                     | pág. 10 |
| <b>Você sabia?:</b> A Praça do Relógio e os biomas de São Paulo ..... | pág. 11 |
| <b>Figuras da Poli:</b> Leandro Lima .....                            | pág. 13 |
| <b>Nossa Sugestão:</b> CINUSP Paulo Emílio .....                      | pág. 14 |
| <b>CAEPinforma:</b> CAEPride .....                                    | pág. 14 |
| <b>CAEPipoca:</b> Filmes nacionais .....                              | pág. 15 |
| <b>Ateliê</b> .....   | pág. 17 |
| <b>CAEPanela</b> .....  | pág. 18 |
| <b>Série da Vez:</b> Rick and Morty .....                             | pág. 19 |
| <b>Joguinho:</b> Qual é a banda/artista? .....                        | pág. 21 |

# PEGUEI MUITAS DPs. O QUE FAZER? UTILIDADE PÚBLICA

Por Beatriz Ota, Gabriela Bechara e Shelly Barbosa

O fim do ano se aproxima e, com isso, surge uma mistura de sentimentos sobre a vida na Poli: a necessidade de dar um último gás nas P3 que estão chegando, o extremo desgaste mental e físico, junto com a ansiedade pelas férias e um tão esperado descanso, além das preocupações sobre o ano que virá. Todos esses sentimentos se potencializam para aqueles que não conseguiram passar de todos os créditos matriculados. Por conta disso, a coluna Utilidade Pública reuniu a opinião de alguns veteranos, com diversas vivências politécnicas, elencando os principais pontos que consideram relevantes para uma boa experiência na Poli, principalmente para quem está numa pior situação acadêmica do que gostaria.

É unanimidade entre os politécnicos a opinião de que os métodos de avaliação e ensino da Poli precisam ser repensados e reestruturados. Partindo-se disso, seria injusto e cruel pautar-se em resultados acadêmicos para estabelecer qualquer juízo de valor sobre as competências e capacidades dos alunos. Por outro lado, como já foi comprovado nas dez edições da coluna Entre Aspas, a Poli forma profissionais muito capacitados, independente dos caminhos trilhados durante os anos de graduação. As razões disso parecem um pouco obscuras, mas é certo que a Poli tem um grande diferencial: é desafiadora, tira a todos da zona de conforto. E isso é um instrumento infinitamente rico para o autoconhecimento.

Assim, o primeiro passo para libertar-se de toda essa pressão é entender que não existe um jeito certo de encarar a Poli, os estudos e a vida. Não há problema em não seguir padrões que foram definidos há muito tempo e que, claramente, não têm sentido no contexto atual. É libertador quando se entende que o maior aprendizado desses anos de graduação, acima das matérias absorvidas em sala de aula (ou nos resu-

mos), está em se conhecer e entender as próprias prioridades, necessidades e aspirações. Mas nada disso é possível se o aluno insiste em repetir as mesmas falhas, não se permitindo conhecer e aprender com os erros do semestre anterior. Por isso, seguem algumas das principais dicas de veteranos que já erraram muito e permitiram-se aprender:

## 1 *Se acalme e entenda seus erros*

É importante analisar o que deu certo e o que deu errado nos semestres anteriores. Mas essa análise deve incluir as atividades extras, grupos de extensão, as relações pessoais, o desenvolvimento social, etc.. Assim, essa vida conturbada na Poli dá subsídios para que se entenda quais são as prioridades, qual o tempo de ócio e de estudos requeridos de cada um. Muitas vezes, a conclusão dessa análise será que o saldo do semestre não foi nada negativo. Em relação às provas, é importante entender e perceber se o tempo de estudo para as matérias foi suficiente.

## 2 *Alinhe sua grade às suas prioridades*

Se ao analisar os semestres anteriores, a conclusão foi a de que a dedicação aos estudos foi máxima e, mesmo assim, não deu para acompanhar, pense na possibilidade de diminuir a quantidade de créditos por semestre. Isso vale também para aqueles que concluírem que existem outras prioridades além das notas. Se, no semestre seguinte, o tempo de estudo disponível for igual ao semestre anterior, não repita o mesmo erro, preze por sua saúde mental. Um erro muito comum de quem pega DPs no primeiro ano é tentar matá-las todas ao mesmo tempo, junto com as matérias obrigatórias. Um fator importante a considerar nessa decisão é a dificuldade das disciplinas matriculadas. Uma disciplina do PME vai demandar mais tempo e preocupação do

que optativas, por exemplo.

### **3** *Reveja seu método de estudo e peça ajuda*

Às vezes, embora se dedique muito à disciplina em questão, o problema encontra-se na forma como tal disciplina é estudada. É importante perceber que o jeito de estudar na faculdade é bem diferente daquele utilizado no ensino médio ou nos cursinho preparatórios para o vestibular. Dessa forma, vale a pena conversar com os veteranos ou alguns amigos que tenham mais familiaridade no método de estudo da faculdade para que eles possam contar quais métodos foram utilizados, e que deram certo, em cada disciplina.

### **4** *Estabeleça o equilíbrio entre vida social e acadêmica*

Dentre as suas prioridades deve estar sua saúde mental. Por isso, não se esqueça que, mesmo havendo dificuldades no quesito acadêmico, é necessário manter um equilíbrio com a vida social. Pode ter certeza de que, depois de conquistar seu diploma, suas notas não serão suas maiores lembranças dos anos de graduação. Deixar de aproveitar esses anos para só estudar, com toda certeza, não é uma boa escolha. Isso se torna um ciclo vicioso: você deixa de fazer coisas com seus amigos para estudar e não estuda se remoendo ao pensar que poderia estar se divertindo. Então, se organize e planeje seu tempo de estudo considerando o tempo de ócio e de descontração.

### **5** *Pense na estrutura de sua grade a longo prazo*

Se você pegou muitas DPs ou travou alguma matéria que comprometa os semestres seguintes, não se desespere, ainda dá para se formar em cinco anos. Tente reorganizar a estrutura de sua grade, pesquise no Júpiter as matérias que não possuem requisitos e tente cursá-las antes do semestre que seria ideal. Contanto que se organize, é possível sim recuperar o andamento do

curso, mas é claro, respeitando seus limites. Caso encontre dificuldades para achar matérias para preencher sua grade, converse com seus veteranos a respeito, eles vão poder te ajudar nisso. Na Produção, por exemplo, em que há muitos créditos de optativas livres, uma boa opção é adiantá-los, caso sua graduação esteja sendo atrasada por pré-requisitos não cumpridos. Mas também é importante lembrar que não há problema nem vergonha nenhuma em demorar mais do que os 10 semestres "ideias" para se formar. Encaixar todas as matérias atrasadas na grade é um dos maiores desafios de não estar em dia com o curso.

## **DICAS EXTRAS**

### **1. REOF e Turmas de DP**

Dizem que só quem já fez a disciplina uma vez pode fazer reoferecimento ou se matricular em turma de DP, mas não é sempre assim. Caso você tenha deixado para cursar uma matéria no período ideal e no semestre seguinte surgir um reoferecimento dessa disciplina, não deixe de ir à secretaria e checar as possibilidades.

### **2. Requerimento, quebra de requisitos e conflito**

O Júpiter possui um sistema que elenca os alunos de acordo com uma série de critérios: média ponderada, período ideal, presença etc. Assim, por conta das DPs, talvez haja dificuldade em conseguir a matrícula de alguns créditos durante as iterações. Mas não desista, peça o requerimento, vá na secretaria da respectiva disciplina, vá nas aulas e converse com o professor, isso aumenta muito as chances do requerimento ser aceito. Caso o problema da matrícula seja que uma matéria não encaixa na grade, existe a possibilidade de pedir conflito na secretaria do curso quando se quer cursar duas matérias cujos horários coincidem. Na Produção, a aprovação ou não da grade com conflito depende da porcentagem de créditos do curso que já foram cumpridos pelo aluno, ou seja, quanto mais perto da formatura, mais chances de aprovarem o conflito.

Lucca Pérez é formado em Engenharia Ambiental e, atualmente, faz mestrado em Engenharia de Produção pela Poli. Durante sua graduação, fez Iniciação Científica, participou do Escritório Piloto e ajudou a fundar, em 2012, o Núcleo de Agroecologia e Tecnologias Sociais.



**1. Sendo monitor de Engenharia e Sociedade você está tendo a oportunidade de vivenciar um pouco da experiência dos alunos atuais da Poli. Você acha que mudou muita coisa? Pra pior ou pra melhor?**

Difícil dizer, porque eu vivencio de um ponto de vista diferente agora né. Mas eu vivi a passagem da EC-2 para a EC-3. Fui um dos últimos anos a ingressar com a EC-2, e tínhamos muitas esperanças com a EC-3. Algumas delas se realizaram, como a própria oportunidade de ter matérias próximas da área escolhida desde o 1o ano (como no caso da turma de Engenharia e Sociedade, que embora seja uma disciplina bem abrangente, tem como centro a discussão da Engenharia de Produção). Isso ajuda a dar mais sentido pro curso desde o começo. Gosto muito dessa ideia "poli-técnica" da Poli, de ter um ciclo básico que permita uma formação abrangente, para que depois o aluno possa ir por diversos caminhos. Mas

sabemos que o conceito de biênio e a vivência do biênio eram coisas diferentes, que traziam muita angústia para os estudantes e acarretavam na perda de sentido da profissão. Acho que manter o ciclo básico, mas diluído, em 3 anos é um acerto, com algumas matérias que permitam maior contato com a área específica. Não sei o quanto melhorou, mas acho interessante.

Por outro lado, vemos que angústia permanece, em grande medida pela forma de avaliação baseada em provas (ou seja, focada nos resultados), e pela manutenção dos mesmos tipos de prova, que induz a estudos que foquem só no algoritmo de resolução, e não na apropriação do conteúdo da disciplina, sua contextualização e localização histórica, social. Isso deve ser ainda muito angustiante e esvaziador de sentido.

Outro ponto importante que tínhamos esperança, e acho que cabe aos alunos se organizarem e brigar por isso, é a grande separação entre teoria e prática do curso. Infelizmente isso se manteve. A Poli valoriza pouco os projetos de Extensão, os quais competem com o pouco tempo disponível para estudo, não possuindo o devido apoio dos professores (que, por sua vez, sofrem com os mecanismos de avaliação do trabalho deles, dificultando muito a dedicação às atividades de extensão). Acredito que uma coisa muito importante é que a extensão conte créditos formalmente (era possível contar como uma das disciplinas de estágio antes, mas poucas pessoas sabiam, e não tinha nada específico para incentivar a prática), que tenham disciplinas voltadas para extensão (que eu saiba só o professor Mariani, da mecânica, tem uma disciplina dessas), que tenha espaço reservado no horário dos professores e que conte na progressão da carreira deles a dedicação à extensão, que tenham mais recursos, que

conte na avaliação dos alunos (mais projetos práticos e menos provas). Também temos poucas aulas práticas e visitas de campo, que são super importantes. É raro ver em aula discussões de temas que dizem respeito às questões que estamos vivendo, com Mariana, Belo Monte, etc. Acho que essa forma de ensino reproduz em grande medida a divisão do trabalho da sociedade, onde o engenheiro pensa (não sem uma dose de alienação, muitas vezes, apenas reproduzindo o que lhes foi passado) e os outros executam. E eu vejo isso como a raiz de vários problemas sociotécnicos que enfrentamos, além de também contribuir para esvaziar o sentido de nossa profissão.

## **2. Você consegue nos dizer quais são as principais áreas de atuação no meio acadêmico?**

Bom, eu sou muito focado na carreira de docente e pesquisador universitário. Mas tem muitos colegas que vão pro P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) de empresas, ou para cargos de gestão mais específicos (gestão da inteligência, gestão da inovação). A atuação nesse meio ocorre também em institutos focados em pesquisa, que não são instituições de ensino como a universidade também. É possível seguir vários caminhos, sendo a Pós Graduação apenas um detalhe nesses caminhos, ou até um determinante na carreira. Às vezes alguém que faz a pós segue pra área que não tem muita gente qualificada no mercado. A diferença entre a pós e uma especialização ou MBA nesse caso é o processo de pesquisa da pós, onde você tem contato com metodologias rigorosas, com formas específicas de trabalhar questões de relevância para a construção teórica, tendo que ter contato com a comunidade acadêmica que trabalha essa questão, ler artigos/papers, aprender a escrever de forma mais organizada e nos padrões dessa comunidade. Mas o efeito prático na vida profissional de alguém que vai se especializar pode ser semelhante.

## **3. Como é a grade horária do mestrado? É como a da graduação?**

Não, é bem diferente. No PPGEP (Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção), para o mestrado são 48 créditos e disciplinas, e pro doutorado são 40, sendo que cada disciplina em média na USP conta 8 créditos aula (existem algumas que contam mais ou menos, na Poli é raro). Na Produção as disciplinas são trimestrais, mas em geral são semestrais. Geralmente são poucas disciplinas obrigatórias (no PPGEP apenas uma, de Metodologia de Pesquisa em Engenharia de Produção). Fiz disciplinas na Psicologia e no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) que foram bem interessantes. As aulas duram em geral 200 minutos (4 créditos), e a maioria tem um espaço privilegiado para discussão com base em leituras feitas, parecido com Engenharia e Sociedade. Mas são menos alunos por disciplina, acho que a mais cheia que eu fiz deveriam ter uns 30 estudantes. Tem muita leitura, e a avaliação raramente é prova. Tem muita apresentação de seminários e escrita de trabalhos, geralmente no formato de artigos, que dialoguem entre os temas das disciplinas e o temas das pesquisas. A maior parte do tempo é voltada para pesquisa em si, no meu caso tenho muita coisa em campo que fica em outra cidade (Sumaré-SP). Você tem mais liberdade de trabalhar do jeito que quiser, mas também é um trabalho em geral mais solitário, mesmo no meu caso, que trabalho junto com um grupo de pesquisa interuniversitário com gente da UFRJ, UFMG e UNICAMP. Tem espaços também de seminários com outras universidades e com o grupo de pesquisa interno que você compõe, dependendo do seu orientador. No caso do meu orientador, o Laerte, temos em geral encontros com frequência quinzenal, onde sempre alguém expõe sua pesquisa ou algum trabalho, juntando desde o pessoal de Iniciação Científica, até os pós-doutorandos. É muito rico.

## **4. Você acha que existe um perfil para as pessoas que seguem áreas acadêmicas?**

Acho que não um perfil, mas tem que gostar de ler, ser crítico e não se contentar com respostas

fáceis dadas a priori, ter a mente aberta para diálogos com outros campos do pensamento e com visões diferentes da sua. Se for organizado é bom por que sofre menos, mas dá pra fazer sendo desorganizado ou pelo menos mediamente organizado, se não eu não estaria aqui. Tem que ter autodisciplina também. Mas acho que são algumas características apenas, não fazem um perfil. Vemos diferentes tipos de perfis nas diferentes áreas da pós.

## 5. Você poderia falar um pouco sobre suas experiências na Poli?

Particpei entre 2011 e 2014 do Escritório Piloto (EP), ou seja, durante quase a totalidade da minha graduação (entrei em 2010). Isso foi o que aconteceu de mais importante comigo na Poli. Foi no EP que a engenharia ganhou sentido pra mim, que pude vislumbrar formas de atuar e construir tecnologias que eu acreditasse. Particpei de muitas discussões, leituras, debates que organizamos (sobre questões de Gênero, Belo Monte, o Novo Código Florestal, a Política Nacional de Resíduos Sólidos, Alimentos Transgênicos, etc); além de sessões de filmes, imersões, encontros com outros grupos de extensão da USP.. Pude conviver com uma pluralidade de ideias e valores que é impossível de ser ver numa sala de aula, onde o professor protagoniza todo o processo. Foi a partir desse processo que fui reconstruindo minha visão de engenharia, contextualizada socialmente, como um fruto de relações sociais, e não como um processo neutro, como uma ciência pura como a matemática. De fato, existem diversas soluções para o mesmo problema, que vão refletir a visão de mundo, os valores e as relações de poder dos atores envolvidos no processo.

Até eu encontrar o EP, eu senti um enorme vazio e falta de sentido no meu estudo. Nem todos sentem isso, mas muitas pessoas relatam coisas semelhantes. Estudar era angustiante, e muitas vezes as coisas que faziam sentido do que eu aprendia não respondiam as questões que eu tinha com a engenharia. Acho também que a Poli era um ambiente mais hostil no que diz respeito à diversidade de pensamento, valores... Quando estava na graduação, a maioria da

Poli, segundo os plebiscitos, era contra cotas, e também não se valorizava muito as questões de gênero... Isso vem mudando. Vejo um ambiente mais amigável, menos hostil. Se bem que na Engenharia Ambiental, que começou de verdade no meu 3o ano, encontrei um ambiente muito massa, com várias pessoas interessantes fazendo muita coisa bacana de várias formas diferentes, cooperando entre si, com alguns professores que estimulavam ou ao menos gostavam de debates e questionamentos. Realmente o clima da ambiental contrastava muito com o biênio, onde as pessoas eram muito competitivas umas com as outras, desinteressadas com o outro, preocupadas apenas com questões instrumentais, de aumentar nota e garantir o intercâmbio. Parece um crime na cultura politécnica trazer pontos de vista diferentes, ao menos no biênio. Isso muda ao longo do curso e vai ficando mais interessante.

Considero a experiência universitária como algo que vai muito além dos conteúdos apreendidos, mas como uma experiência com o tempo, com os outros, com as formas de pensar e sentir. Aproveitei muito meus 5 anos de graduação, mas acho importante que as pessoas não se fechem só na Poli: que frequentem outras unidades, façam optativas fora, compareçam em festas com pessoas diferentes. É bom lembrar que a Poli está dentro da USP, e que temos disciplinas incríveis na Biologia e na Oceanografia; pessoas e projetos incríveis nas Relações Internacionais, na FEA e na FFLCH; vários projetos de extensão, muitas coisas mesmo. Acho que vivi e vivo ainda, de forma mais limitada, uma experiência incrível nesses espaços todos. Espero que vocês também vivam e aproveitem, por que a relação com o tempo quando você já está formado muda, fica mais difícil fazer uma coisa simplesmente porque você tem vontade. Por mais que eu cuidasse da casa antes e contribuísse financeiramente com a família, os compromissos e cobranças são outros. Pode vir um filho ou uma filha, que é uma experiência maravilhosa, mas o fato é que o tempo para criar, experimentar, se permitir torna-se cada vez mais escasso. Então aproveitem o que tem de bom e não deixem o que tem de ruim atrapalhar!

# PESTE NEGRA GRUPO DE EXTENSÃO

*Por Alexandre Tardin, Caio Iglesias, Rafael Depentor e Olivia Cunha*

Orgulho. Para Rafael Meier, mais conhecido como Mulata, essa palavra define o que é a Peste Negra. Mulata, hoje formado em engenharia civil, fez parte da gestão da torcida e procura colaborar até hoje. O amor pelo azul e amarelo da “escola da minha vida” aflora nos primeiros minutos de conversa, e a alegria de ter feito parte da história desse grupo acompanha os aprendizados que anos de ginásio e jogos universitários puderam lhe ensinar.



Fundada em 2012 por integrantes da Atlética, da Rateria e dos centros acadêmicos (especialmente CAEP e CEE), a Peste Negra surgiu como uma alternativa à forma de se torcer pela Poli que havia na época. Até aquele momento, fundava-se uma nova torcida a cada ano, composta pelos participantes da Atlética do ano anterior. A união dessas várias torcidas formava o núcleo TOP (Torcidas Organizadas da Poli), o qual apoiava a escola quando necessário. Nesse cenário enrijecido, onde participar da torcida se limitava somente àqueles com experiência anterior na Atlética, idealizou-se a Peste Negra, objetivando trazer a renovação e a abertura que a arquibancada precisava.

No que se refere à organização da Peste Negra, um grupo compõe a gestão a cada temporada desde sua fundação. Tradicionalmente, no entanto, alguma pessoa assume um papel de maior protagonismo, tendo sido Mulata essa figura no período de 2014 a 2015. Na temporada seguinte, foi substituído por Luciano Chaparin, o Chapa, outro entrevistado pela coluna e responsável atual pela Peste Negra.

Quando questionado do porquê de gostar tanto da torcida, Mulata cita a energia que os torcedores conseguem passar para os atletas em quadra. Na Peste Negra, sente-se orgulho em poder ajudar a Poli, mesmo não praticando esporte algum. Além disso, considera esse orgulho fundamental para se ter a motivação necessária para lidar com a forte demanda acadêmica da escola.

Já Chapa ressalta a importância de uma Peste Negra independente, capaz de custear suas despesas por conta própria com o dinheiro que sobra da arrecadação obtida no pedágio. A autonomia é fundamental para desenvolver uma imagem da torcida como algo à parte da Atlética e, portanto, aberta a quem tiver interesse.

Quanto às atividades desenvolvidas pelo grupo, destaca a compra de sinalizadores, rojões e tatuagens, a confecção de novas bandeiras, a limpeza das antigas, além de toda a logística envolvida durante os jogos. Por fim, Chapa não considera a divisão da Poli em centros acadêmicos prejudicial à torcida. Ao contrário, considera que essa segmentação traz ainda mais beleza aos momentos em que a comunidade politécnica se reúne para torcer por uma só equipe.

Trazer à tona novamente o orgulho antigo do politécnico de torcer para sua escola é considerado por ambos um grande desa-

fio para a Peste Negra. Para isso, incentivava-se a integração entre as equipes das diversas modalidades na Poli, estimulando que elas assistam aos jogos umas das outras. Além disso, o retorno ao Engenharia é encarado de modo positivo, por expor os alunos às realidades e problemas de outras faculdades, além do “mundo USP”.

Caso tenha interesse em participar da torcida, envie uma mensagem para o Facebook da Peste Negra!

## ESPAÑA DIÁRIO DO INTERCAMBISTA

*Por Flavia Barochel*



Fazer intercâmbio na Espanha é:

- Aprender a falar "vale" (o v se pronuncia como b) no final de cada frase;
- Precisar resolver alguma coisa entre as duas e as cinco da tarde e não achar nada aberto porque é hora da siesta;
- Almoçar depois das 14:30 e jantar depois das 22:30, a vida acontece muito mais tarde;
- Comprar alguma coisa que custa 1,99, pagar com uma moeda de 2 euros e o vendedor te devolver 1 centavo de troco;
- Ficar impressionado de estudar numa faculdade onde as aulas são cheias, todo mundo presta atenção em tudo que o professor fala e ainda participa;
- Ir para a faculdade andando, levar 20 minutos e passar por pelo menos dois parques, três praças, duas fontes e dezenas de prédios de estilo neogótico;
- Andar pela cidade, ver um prédio de arquitetura absurdamente bonita, se perguntar o que será que tem naquele prédio e perceber que é só um restaurante, uma loja ou um banco;
- Tentar gabaritar todos os sanduíches do 100 Montaditos (é uma rede de restaurantes que tem 100 sanduíches diferentes no cardápio, todos por 1 euro às quarta e aos

domingos);

- Fazer esquentinha com vinho de menos de 2 euros
- Ouvir de todo mundo sobre como sua faculdade é difícil e exigente, e depois perceber que nunca nada no intercâmbio vai ser tão difícil quanto a Poli;
- Ouvir muito reggaeton - não é só nas festas e baladas, toca nas lojas, no supermercado, na academia, em todo lugar;
- Ouvir seus amigos intercambistas em outros países reclamando do frio desde setembro enquanto você ainda tem sol e calor até meados de novembro;
- Perceber que toda cidade espanhola que você visita tem como atrações principais uma catedral gótica e um Alcazar (palácio);
- Mesmo assim querer visitar o máximo possível da Espanha porque todas as cidades são maravilhosas e cheias de história;
- Não entender como as pessoas são tão magras nesse país com tanta comida típica maravilhosa e super calórica (destaque para os queijos e embutidos);
- Ter um dos custos de vida mais baratos da Europa, mas ainda assim ter que economizar muito para poder viajar, já que da Espanha não tem como conhecer o resto da Europa de ônibus/trem, só de avião;
- Ter transporte público muito bom para qualquer lugar da cidade, mas acabar fazendo muita coisa a pé só para olhar a paisagem mesmo;
- Perceber que todos os lugares que se frequenta são muito próximos, inclusive a pé, e que qualquer cidade parece pequena comparada a São Paulo;
- Se matricular errado em uma matéria e de repente perceber que seu professor não está dando aula em espanhol, mas sim valenciano ou catalão;
- Viver num lugar que incentiva demais a cultura: são muitos teatros, museus e exposições, a maioria com tarifa reduzida para estudantes;
- Se sentir um pouco em casa quando vê as notícias da situação política da Espanha: é quase tão caótica quanto a do Brasil.

# A BUSCA PELO ESPAÇO DO CAEA <sup>CAEABOA</sup>

Por Diana Siqueira

Algumas coisas mudaram nesses últimos anos de Poli, e uma delas é que o CAEP não é mais o centrinho mais recente em São Paulo. O CAEA (Centro Acadêmico de Engenharia Ambiental) foi fundado oficialmente em 2016. A ideia dele surgiu no fim de 2015, quando alguns alunos da ambiental se reuniram e problematizaram o fato da Engenharia Ambiental não ter um Centro Acadêmico próprio, até mesmo porque o curso da ambiental é um dos mais novos no ramo da engenharia, ascendendo no mercado de trabalho e no contexto atual, sendo necessário um centro acadêmico voltado especificamente para ele.

Depois de muitas e muitas reuniões em agosto de 2016, o estatuto do CAEA ficou pronto. Após a Assembléia Geral de fundação e o registro do estatuto no cartório, o CAEA finalmente passou a existir formalmente. A partir desse momento, paralelamente a todos os projetos já elaborados e em elaboração, uma pauta contínua surgiu: a busca por um espaço físico.

Para um centro acadêmico um espaço físico é fundamental. Por meio dele os alunos do curso facilmente conseguem encontrar membros da gestão para tirar dúvidas ou obter informações. Ademais, para o curso, o espaço é essencial para a integração de seus alunos ou ex-alunos e para a formação de sua identidade, além de ser relevante para a realização de reuniões ordinárias e de projetos do CAEA (que atualmente ocorrem diariamente em diferentes salas que só podem ser decididas com uma hora de antecedência). Imaginem vocês da Engenharia de Produção sem o espaço do CAEP... Muita coisa seria diferente!

Nosso primeiro passo foi entrar em contato com a CAEC (Comissão Administrativa da Engenharia Civil), que é a instância responsável pela administração do prédio da engenharia civil e ambiental, organizando a logística de salas e dos gastos do mesmo. Para não chegarmos de mãos vazias, elaboramos um documento que mapeava todas as salas mal utilizadas (com quase nenhum uso, por exemplo) e apresentamos propostas de quais poderiam ser utilizadas

como espaço do CAEA. A princípio, a CAEC havia concordado com uma das possibilidades e nosso tão desejado espaço físico ficou quase como determinado, contudo devido a burocracias e mudanças de projetos, essa sala tornou-se inviável.

A partir de então, nosso contato com a CAEC manteve-se, e conseguimos com que um representante do CAEA pudesse acompanhar as reuniões da mesma, sempre tocando na pauta espaço. Paralelamente a isso, entramos em contato com diversos professores, tentando buscar alternativas de espaços além do prédio da ambiental e civil. Por fim, para uma pressão final no ano elaboramos uma carta defendendo os motivos para termos um espaço físico só nosso e estamos passando um abaixo assinado para alunos e professores da Poli apoiarem essa causa também.

Nossa luta está longe de acabar e as perspectivas atuais não estão boas, entretanto o que não falta é força de vontade para correr atrás disso. Assim, estamos ansiosos para o dia em que os alunos da produção vão poder colar no CAEA pra aumentar ainda mais essa integração entre os centrinhos mais amor da Poli.



# A PRAÇA DO RELÓGIO E OS BIOMAS DE SÃO PAULO VOCÊ SABIA?

Por Fernando Ferri, Gustavo Anjos, Isabella Amatuzzi, Juliana Segawa e Karen Kobayashi

A Praça do Relógio na Cidade Universitária, inaugurada em 1971, abriga em seu centro uma torre, constituída por seis painéis que representam, em alto e baixo relevo, a integração da ciência (mundo da realidade) e das artes (mundo da fantasia). Nos arredores dessa construção, está presente algo que passa despercebido pela maior parte dos estudantes: um ecossistema vegetal simbolizando os biomas de São Paulo.

A vegetação da praça foi a ela acrescentada para sua reinauguração, em 1997. Projetada por professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Instituto de Biociências, a praça contém seis biomas típicos de São Paulo, em uma área de 176 mil metros quadrados.

A Praça do Relógio adquiriu a aparência atual apenas em 1997, quando um grupo de professores da FAU (Faculdade de Arquitetura da USP) e do Instituto de Biociências se uniu para formular um projeto paisagístico, o qual atingiu a casa do R\$1,2 milhão, valor encoberto pela iniciativa privada. Os esforços resultaram nas fatias que representam a diversidade vegetal do país: o campo rupestre, a Mata Atlântica, a mata caducifólia, a mata de araucárias, a restinga e o cerrado. Apesar da esperada dificuldade em agrupar modalidades diferentes de plantas em um mesmo local, os idealizadores asseguram que a tarefa não foi tão complicada, pois as espécies adaptaram-se muito bem umas às outras, em geral. Além disso, os contribuintes da reforma esforçaram-se para estudar quais espécies se habituariam às condições paulistas através de testes com mudas, como o mangue, o qual necessita da água do mar

para sobreviver. No projeto finalizado, as espécies convivem sem empecilhos, sendo que algumas plantas de solos típicos de temperaturas altas logo se moldaram ao clima mais brando de São Paulo.



Conheça um pouco melhor sobre cada bioma e quais de suas árvores estão presentes na praça:

## • Mata Atlântica

A Mata Atlântica é a segunda maior floresta brasileira em extensão e um dos biomas com maior diversidade do planeta. Essa vegetação, que cobre aproximadamente 15% do território brasileiro, é constituída por árvores de médio e grande porte, formando uma floresta tropical mista densa, além de mangues, restingas e campos de altitude. Contudo, o grande desmatamento dessa vegetação resultou na sobrevivência de apenas cerca de 7% da cobertura original, fazendo da Mata Atlântica um Hotspot mundial. Na Praça do Relógio, existem 60 espécies características desse bioma, somando 4000 mudas, como paus-brasil, jequitibás, jatobás, palmitos, cedros-rosas, paus-ferros, canelas, angicos-brancos e perobas-rosas.

## • Mata de araucárias

Esse ecossistema, como o nome indica, é caracterizado pela presença de araucárias, ou pinheiros-do-paraná. Essas florestas apresentam duas camadas, a mais baixa formada por angiospermas e a mais alta constituída pelas araucárias, plantas gimnospermas. Há 1310 mudas de 60 espécies do ecossistema na praça da Cidade Universitária, sendo algumas delas de podocarpus, bracatingas, cabreúvas, paus-marfim, aroeiras e maçarandubas.

## • Restinga

A vegetação da restinga estabelece-se em solos arenosos próximos do mar. Esse ecossistema é caracterizado por vegetações rasteiras e arbustivas e, na medida em que se afasta do mar, florestas baixas e, mais interiormente, altas. Ele tem grande importância ambiental, fixando dunas e estabilizando manguezais. Por isso, as áreas com essa vegetação são Áreas de Preservação Permanente (APP). Há 15 espécies desse ecossistema na Praça do Relógio, entre eugênicas, clusia, rheedia e ipoméias.

## • Cerrado

O cerrado é composto por pequenas árvores retorcidas dispostas em chapadões de gramíneas. Mesmo na época de seca, a vegetação apresenta verde em seus arbustos e árvores. É a segunda savana com maior diversidade do mundo e o segundo maior domínio vegetal do Brasil, mas quase 80% de sua vegetação foi destruída antropologicamente. Na Praça do Relógio são encontradas 300 mudas de 9 espécies desse ecossistema, entre angicos, paus-mulatos, ipêscascudos, sucupiras-brancas e farinhassecas.

## • Campo Rupestre

Esse tipo de vegetação ocorre em mon-

tanhas e é composto por uma faixa contínua de herbáceas, em que se destacam pequenos arbustos e arvoretas. As plantas são adaptadas à pouca água disponível, pois esta escoarapidamente pelas pedras. Há 1000 mudas de 15 espécies características desse ecossistema na Praça do Relógio, como vellozia, dyckia, lavoisiera e pleurostima.

## • Mata caducifólia

Essa vegetação florestal possui duas estações bem determinadas: uma seca, mais longa, e uma chuvosa. As plantas são caducifólias ou subcaducifólias e perdem suas folhas durante a seca. Próximo das chuvas, esse ecossistema transforma-se em uma floresta tropical rica e exuberante. Ele é formado por gramíneas, arbustos, espinhosas e grandes árvores. Porém, ele está sendo desmatado e substituído por agricultura, pecuária e carvoarias, além de sofrer incêndios. Na Praça do Relógio, há 700 mudas de 20 espécies dessa vegetação, entre paineiras, cássias, paus d'alho, arari-bás, amendoins-do-campo e perobas-rosas.

Atualmente, a praça não atingiu seu total potencial paisagístico devido a uma má manutenção e fiscalização da vegetação local. No entanto, continua sendo um local interessante para visitar e descansar da vida corrida na Poli, sendo um símbolo da natureza paulistana.



## LEANDRO LIMA FIGURAS DA POLI

*Por Alexandre Tardin, Giuliana Zugliani e Juliana Segawa*

Seja para imprimir um trabalho de última hora, seja para buscar um resumo antes das provas, todos provavelmente já fizeram uma breve visita à xerox do Grêmio. Mas quantos já conversaram de fato com seus funcionários? Leandro Lima, por exemplo, tem 25 anos e trabalha na xerox desde 2016. Apesar de morar em São Paulo há 8 anos, suas origens permanecem em Pernambuco, onde moram sua mãe e seus dois irmãos, ambos mais novos que Leandro. Sua chegada em São Paulo inaugurou uma trajetória inusitada aos olhos de quem não o conhece. Nos primeiros anos na capital paulista, Leandro trabalhou numa choperia, mas logo ingressou no curso de enfermagem na FMU, profissão que exerceu de forma ativa por quase dois anos, em uma clínica. Após este período, ele migrou para os mais variados serviços, desde postos como vendedor a atendente, até chegar na Poli por indicação de um dos diretores do cursinho do CRUSP.



Este percurso, no entanto, não se encerrou na xerox. Os próximos meses de Leandro já se mostram repletos de compromissos. Em janeiro de 2018, conta, voltará a estudar. O curso será fonoaudiologia, o qual diverge de sua primeira graduação, embora pertença à área da saúde. Segundo Leandro, uma das principais motivações para a escolha do curso consiste em sua própria família, pois seu irmão mais novo apresenta deficiência audiovisual. Ele também almeja abrir uma clínica e assim dar mais suporte para seus parentes. Além disso, deseja conhecer seu pai, com o qual nunca manteve laços. Em dezembro de 2018, Leandro marcou seu casamento, cujos preparativos recebem auxílio até de pessoas da comunidade politécnica.

Sobre a Poli, Leandro menciona a faculdade com muita afeição uma vez que adora conhecer novos frequentadores da xerox, os quais considera, muito simpáticos e animados, em geral. Também afirma que o único momento do semestre que o panorama politécnico muda de forma drástica resume-se, obviamente, ao período de provas. Apesar do estresse que permeia a faculdade, Leandro ainda sente empatia pelos politécnicos, afinal já passou pelo papel de estudante.

Por último, restam só os recados de Leandro que mostram a familiaridade para com aqueles que transcendem as conversas sucintas da xerox. Admite que tem grande vontade de “causar na peruada”, em suas palavras, pois sempre está trabalhando no dia. Por fim, manda beijos para os amigos espalhados pela Poli, que cursam desde Minas e Civil a Elétrica (“Adoro quando o pessoal da elétrica explode umas coisas”, conta).

Por *Giuliana Zugliani e Lucas Alleotti*



Criado em 1993 pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, o CINUSP Paulo Emílio é provavelmente a sala de cinema mais próxima e acessível ao estudante da USP capital hoje em dia. Aberta e gratuita, a sala fica no campus da Cidade Universitária e seu principal objetivo é disseminar a cultura cinematográfica, além de estimular a pesquisa e o conhecimento, contribuindo assim com a formação do ambiente universitário.

A sala localiza-se no Favo 04 da Colméia (próximo ao bandeirão central) e, com capacidade de aproximadamente 100 lugares, tem sessões de segunda a sexta-feira, sempre às 16h e às 19h, de acordo com a programação, que varia com as temporadas de mostras. Essas mostras temáticas, as quais são produzidas por alunos e professores, abordam diversas esferas, abrangendo desde a própria questão cultural na história do cinema, com exposições de temas como “Sci-Fi anos 80” ou “Vibrações, a música no cinema”, até questões de cunho mais social e político, com mostras como “Infância, lugar de miragem” e “Monstra, cinema Queer”.

Entretanto, ao contrário do que se pode pensar, o CINUSP não se limita à exposição de filmes em mostras, mas abrange também conteúdos como seminários, debates, cursos, pré estreias e também parcerias com festivais de cinema de outras instituições, tanto públicas quanto privadas.

Além de todo esse material, também são publicados no site do CINUSP (link a seguir) diversas mídias que expressam a pesquisa e reflexão sobre temas relacionados às atividades da sala. De vídeos sobre os debates a textos inéditos de análise sobre os temas das mostras, as publicações no site vêm para complementar a experiência de viver a sétima arte.

Fique de olho na programação da mostra em cartaz, “Brasil em Transe” e aproveite para dar uma olhada em todo o conteúdo disponibilizado! Acesse <http://www.usp.br/cinusp/>.

## CAEPRIDE CAEPINFORMA

O CAEP agora tem um grupo para suas pessoas LGBTQ+! Nós, as pessoas LGBTQ+ do CAEP, sempre vimos nosso centrinho como um espaço receptivo em que nos sentimos acolhidos e livres para sermos quem somos, mas, ainda assim, achamos importante reforçar essa característica de acolhimento e de diversidade e representatividade dentro do nosso centrinho.

Pensando nisso, decidimos criar o CAEPride com o intuito de reafirmar que há espaço para todo tipo de pessoa no nosso centrinho do amor e para acolher ainda mais as pessoas LGBTQs no ambiente acadêmico. Mas o que é o CAEPride? É um grupo de WhatsApp para trocarmos experiências, conversarmos num safe-space (sobre causas LGBTQ+ ou não) e até fazer confraternizações! Vale ressaltar que esse grupo será sigiloso, assim, os membros não serão expostos e terão sua privacidade respeitada. Para entrar no grupo ou, caso você seja uma pessoa LGBTQ+ mas não se sinta confortável a falar abertamente e preferir conversar no privado com alguém, podem procurar no facebook alguma dessas pessoas: Giuliana Zugliani, Victor Hugo Machado, Lucas Motta, Mateus Chedid, Fernando Renosto, Rafael Reis ou Cezar Vieira de Souza.

Por Clarissa Mendes e Lucas Alleotti

Ao longo dos últimos anos, o cinema brasileiro vem adquirindo reconhecimento internacional e conquistando mais espectadores com a qualidade de suas produções. Apesar disso, o preconceito e o desinteresse com os filmes nacionais persistem, como reflexo da ideia de que apenas retratam o contexto miserável das favelas e da criminalidade. A realidade do universo cinematográfico brasileiro é bem mais rica e diversa, uma vez que retrata os mais variados temas e realidades. Em suma, os filmes nacionais alegam, comovem, entretêm e levantam questões sociais de relevância. O Patrão imergiu no mundo do cinema nacional e selecionou 15 títulos para o leitor reavaliar sua concepção sobre os longas brasileiros.

## 1 *O Auto da Compadecida* (2000 • Comédia • 2h32min • Disponível no YouTube)



Adaptado da obra de Ariano Suassuna, o longa metragem é um dos clássicos da comédia brasileira. O filme conta a história de João Grilo (Matheus Nachtergaele) e Chicó (Selton Mello), dois amigos que aplicam golpes para garantir o pão de cada dia no sertão paraibano. Em um de seus golpes, a dupla envolve-se com Severino de Aracaju (Marco Nanini), temido cangaceiro que põe em risco a vida dos protagonistas. A trama gira em torno do julgamento final das personagens, abordando

questões como religiosidade, miséria, corrupção, amor, amizade e aspectos culturais nordestinos. Do início ao fim, o espectador é conquistado pelo humor e perspicácia de João Grilo e Chicó e envolve-se na linguagem e nas tramas cômicas de todos os personagens.

## 2 *Que Horas Ela Volta?* (2015 • Drama • 1h48min • Disponível no YouTube)

O filme explora uma questão delicada da realidade brasileira: a relação assimétrica entre empregados domésticos e patrões. “Que Horas Ela Volta?” narra a história da pernambucana Val (Regina Casé), que trabalha e mora há anos em uma residência de classe média alta paulistana, onde estabelece um papel essencial na família ao cuidar da casa e do filho de seus patrões, ao mesmo tempo em que vive isolada em um quatinho nos fundos e come separadamente de todos. As circunstâncias são abaladas quando a filha que Val deixou quando foi trabalhar em São Paulo, Jéssica (Camila Márdila), muda-se e passa a morar na casa dos patrões da mãe. Jéssica usufrui de todos os privilégios da casa e questiona a posição de Val na família, gerando atritos entre os patrões e a empregada. De modo leve e bem humorada, o filme levanta questões sociais cruciais e provoca a reflexão no espectador.

## 3 *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* (2014 • Romance • 1h 36min • Disponível na Netflix)

O filme nasceu a partir de um curta metragem “Eu Não Quero Voltar Sozinho”, que viralizou no YouTube e alcançou mais de 5 milhões de visualizações. “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” é uma história de amor pouco convencional. Leonardo (Ghilherme Lobo), deficiente visual, apaixona-se por Gabriel (Fa-

bio Audi), aluno que acaba de entrar em sua escola, e tem suas primeiras experiências amorosas com o jovem. Homossexualidade, deficiência visual, adolescência, entrada no mundo adulto e amizade são alguns dos temas tratados no longa metragem. O que mais se destaca na narrativa é o tom inocente e romântico do roteiro, estilo que predomina nos relacionamentos entre as personagens, na trilha sonora e no contexto da história como um todo. Com certeza, é um ótimo opção para quem procura um filme leve e doce.

## 4 *Aquarius* (2016 • Drama • 2h26min)



Esse filme brasileiro é com certeza um dos melhores da última década. Entrou na seleção de Cannes e foi muito bem recebido internacionalmente, ganhando prêmios em diversos festivais, incluindo Melhor Filme e Melhor Atriz. Dirigido por Kleber Mendonça Filho, o filme conta a história de Clara, uma

jornalista viúva e aposentada, que é a única moradora do residencial Aquarius, comprado quase que inteiramente por uma construtora, faltando apenas o dela. No apartamento onde viveu e criou os filhos, Clara passa por constante pressão da construtora para se mudar, enquanto lida com sua vida pessoal, lidando com seus filhos e os desafios da terceira idade. A obra aborda temas como o confronto do velho e o novo, de modo que valoriza as memórias do passado para se construir o novo, e a importância das relações interpessoais como fonte de memórias. Além disso, faz críticas à hipocrisia e mazelas da sociedade atual, aproveitando para montar um retrato do Brasil através de situações de diferentes classes sociais, e que é reforçada por uma trilha sonora belíssima e nostálgica. É um filme necessário hoje nessa sociedade de relações frágeis e que abandona seu passado.

## 5 *Olga* (2004 • Drama/Romance • 2h21min • Disponível no YouTube)

Esse filme talvez não seja um dos melhores filmes nacionais no que se diz respeito à técnica e realização, mas com certeza é um dos mais importantes historicamente. A trama conta a história real de Olga Benário, militante comunista, que durante o governo Vargas, foi perseguida e fugiu para Moscou. Lá conhece Luís Carlos Prestes, por quem se apaixona posteriormente e o segue na Intentona Comunista de 1935. Depois do seu fracasso ela é presa e mandada para a Alemanha nazista, onde tem sua filha. O filme mostra o caminho vivido pela personagem, focando na sua relação com Prestes. É possível ver alguns aspectos da ditadura no Brasil e da tragédia dos campos de concentração, que levou à sua morte em 1942. Apesar de parecer uma novela nas telonas, o filme ainda tem seu valor como uma lembrança das atrocidades vividas na época.

## 6 O ano em que meus pais saíram de férias (2006 • Drama • 1h50min • Disponível no YouTube)

Diversos filmes retratam uma das piores épocas da história brasileira: a ditadura militar. Mas nenhum deles conta de maneira tão sutil e delicada o período cinza e de medo vivido como esse. Os pais de Mauro saem de férias (metáfora para o exílio forçado graças às perseguições sofridas por serem de esquerda) no ano de 1970, ano da copa, e o deixam com seu avô. Esse, infelizmente, morre no dia em que seus pais viajam, então Mauro tem que viver com o vizinho judeu. Sozinho e perdido em uma comunidade judaica da qual não pertencia, Mauro tem que lidar com sua infância e a ausência dos pais que ele tanto espera que voltem. O filme mostra a ditadura a partir dos olhos de uma criança, ao mesmo tempo em que ele quer jogar futebol, torcer pelo Brasil e fazer novos amigos, vemos uma comunidade fechada, reprimida e com medo da ditadura. Isso é tocado de maneira genial, com momentos sutis, como quando Mauro comemora um gol de dentro do seu apartamento, mas de fora existe um silêncio absoluto, mas também com momentos diretos, como quando Ítalo, um dos vizinhos, tem que se esconder da polícia militar. Cao Hamburger nos envolve com uma história leve, mas que não esconde o ambiente hostil da época. É um filme lindo, triste e importante para se entender o cotidiano dessa terrível época.



7. Cidade de Deus (2002 • Filme policial/Drama • 2h15min • Disponível na Netflix)
8. Casa Grande (2014 • Romance/Coming-of-age • 1h57min)
9. Ó Pai Ó (2007 • Comédia musical/Filme musical • 1h36min • Disponível na Netflix e no YouTube)
10. Central do Brasil (1998 • Comédia dramática • 1h55min • Disponível no YouTube)
11. O casamento de Romeu e Julieta (2005 • Romance/Comédia • 1h33min • Disponível no YouTube)
12. As melhores coisas do mundo (2010 • Drama/Comédia • 1h45min • Disponível no YouTube)
13. O Palhaço (2011 • Drama/Aventura • 1h30min)
14. Vidas Secas (1963 • Drama • 1h55min • Disponível no YouTube)

## ATELIÊ

### Luna Lovegood

Por Eduardo Uezu (1º ano da Engenharia Civil)



“Utilizei lápis de cor: Faber-Castell - Albrecht Dürer. Eu desenhei a Luna pois além de gostar da personagem, para mim, o mundo de Harry Potter te liberta desse mundo onde tudo está errado. Ele o torna mais livre, feliz e alegre. Sempre gostei de desenhar, foi um hobby meu, desde pequeno. Desenhar é um momento em que posso libertar minha imaginação e criar mundos os quais nem a Poli pode tirar de mim.”

## (Sem título)

Por Giulli Mesquita (1º ano da Engenharia Elétrica)



“Usei canetas 0.3 e 0.8, ambas da sakura. Normalmente, faço meus desenhos quando me sinto muito estressada ou sobrecarregada, seja com cobranças da Poli ou não. Acho que é por isso que muitos de meus desenhos (incluindo este) não têm um significado em específico e talvez aparentem ser meio sem sentido, como se refletissem o caos que passa na minha cabeça no momento em que recebo inspiração para um desenho. Ultimamente, desenhar pra mim tem sido minha melhor válvula de escape.”

## CAEPANELA

Por Olívia Cunha

**Macarrão com frango (muito) cremoso e brócolis de uma panela só**



### Ingredientes

- 1 colher de sopa de óleo;
- 680g de peito de frango, em cubos;
- 1 colher de chá de sal temperado (ou sal normal);
- Pimenta a gosto;
- 1 cebola pequena, cortada em fatias (opcional);
- 2 dentes de alho amassado (opcional);
- 1 cabeça de brócolis média;
- 6 xícaras de leite;
- 450g de macarrão gravata (ou penne, ou parafuso);
- 1 xícara de parmesão ralado;
- 1 xícara de mussarela ralada.

### Modo de preparo

1. Aqueça metade do óleo em uma panela grande. Adicione o frango, tempere com metade do sal temperado e pimenta, e cozinhe;
  2. Assim que o frango estiver bem dourado e cozido, retire-o da panela e adicione o restante do óleo, a cebola, o alho e o brócolis. Tempere com o restante do sal e a pimenta. Mexa até que as cebolas comecem a ficar translúcidas. Coloque o leite e deixe ferver. Mexa periodicamente para que o fundo não queime;
  3. Assim que o leite estiver fervendo, adicione o macarrão e mexa constantemente até que a massa esteja do jeito que você gosta (aproximadamente 10 minutos em fogo médio). Adicione o parmesão e a mussarela e mexa novamente até que o queijo esteja derretido.
- Rende de 4 a 6 porções!

### ***Brownie de caneca pronto em 2 minutos***

#### Ingredientes:

- 2 colheres de sopa de leite;
- 1 colher de sopa de chocolate em pó;
- 1 colher de sopa de açúcar;
- 2 colheres de sopa de farinha de trigo;
- 1/2 colher de chá de fermento em pó;
- 1 colher de sopa de manteiga derretida;
- 1 colher de sopa de doce de leite (ou nutella).

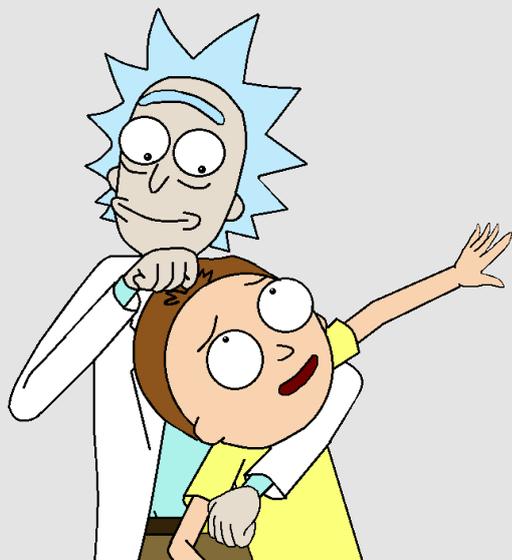
#### Modo de preparo

1. Adicione todos os ingredientes, exceto o doce de leite, em uma caneca grande;
  2. Misture bem e leve ao microondas por 1 minuto;
  3. Cubra o brownie com o doce de leite (opcional).
- Rende 1 caneca de brownie e demora 2 minutinhos para ficar pronta!

**Bom apetite!**

# RICK AND MORTY SÉRIE DA VEZ

Por Fernando Ferri, Giuliana Zugliani e Lucas Alleotti



- Animação adulta de comédia e ficção-científica;
- 3 temporadas;
- 20 min por episódio;
- 10 episódios por temporada;
- 4ª temporada confirmada.

"Rick and Morty" tornou-se repentinamente uma das animações adultas mais populares da internet. Criada por Justin Roiland e Dan Harmon, a série conta a história de Rick Sanchez, um cientista maluco, que, ao lado de seu neto Morty, enfrenta as mais absurdas aventuras pelo multiverso através de sua arma de portais. O avô mora com a família de Morty, composta pelo seu pai, Jerry, sua mãe, Beth, (filha de Rick) e sua irmã, Summer. Juntos, todos passam por diversas situações bizarras, como a dominação mundial dos cachorros ou até mesmo a visita à convenção de todas as versões de Rick de outras realidades. Mas o principal questionamento é: de onde vem esse estrondoso sucesso dentro deste gênero, já dominado por tantas outras séries, como Os Simpsons?

A série aborda diversas teorias físicas e faz uso delas para construir a trama de cada episódio, mes-

mo que de maneira pouco aprofundada. Apesar de possuir essa temática complexa, a série constrói-se em torno de personagens simples e ordinários que possuem dramas reais e cotidianos, como divórcio, problemas na escola, entre outros. Isso faz com que a série aproxime-se do público comum e torne-se muito mais compreensível. Além disso, por consequência dessa proximidade, a série acaba fazendo uma sátira da humanidade usando das sociedades intergalácticas e suas especificidades como alegoria para as características e problemas humanos, o que é muito mais claro quando essas se chocam com os personagens principais da série.

E esses confrontos vividos são um dos principais focos da série e o que a torna tão engraçada. Ela cria situações constrangedoras e de mau gosto, usando de um humor escrachado, passando dos limites do politicamente correto. Aborda e mostra situações com temas carregados e geralmente evitados na televisão.



Rick and Morty é uma série com tema adulto, tal como Family Guy e South Park. Porém, diferentemente dessas, ela possui um universo linear, com uma trama paralela que liga todos os episódios. Assim, apesar de cada episódio também ter uma história independente do outro, todos se conectam, carregando as consequências de um para o outro e criando uma

trama maior, que vai se justificando conforme a série progride de temporada em temporada.



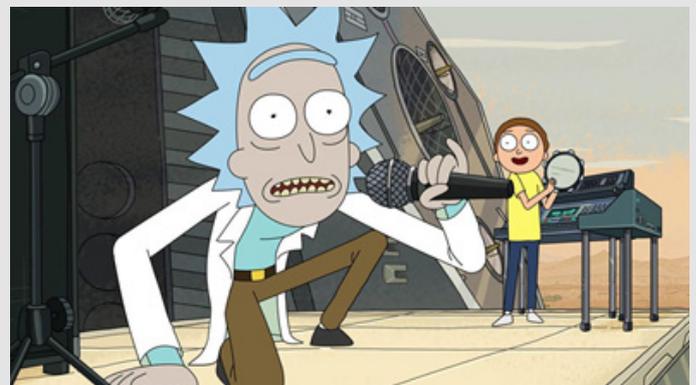
O sucesso da série é também consequência da forte abordagem filosófica no decorrer dos episódios. Pode-se perceber ao longo do enredo um contraste entre a rigidez das instituições humanas – desde as relações familiares até conceitos como a vida e a morte – e o ceticismo da modernidade. Esse tema torna-se próximo do espectador ao passo que, na atualidade, vive-se uma grande mudança nas relações interpessoais, tanto devido aos avanços da tecnologia quanto à maior flexibilidade das interações.

Somado às questões voltadas às relações humanas da “modernidade líquida”, Rick and Morty também traz discussões voltadas para o existencialismo, tomando, na maior parte do tempo, uma visão pessimista diante de um sentido ou de um criador para a vida. No enredo, é até comum a ideia de que se deve superar a noção de que a vida é provida de um propósito maior.

É através de uma das personagens mais emblemáticas que a série traz a maior parte dessas discussões e questionamentos: pelo Rick, o espectador tem contato com filosofia niilista de que nenhum indivíduo existe por uma razão específica ou pertence a algum lugar, mas que cada um existe apenas pelo mero acaso. Além disso, a personagem do cientista, por ser

uma das pessoas mais inteligentes do universo, seria a mais provável a romper com os costumes, cultura e moral que prendem o homem moderno. Porém, ao mesmo tempo, o gênio não consegue se desvincular totalmente das relações humanas, trazendo o questionamento: até que ponto o ser humano deve e consegue abandonar suas crenças e tradições e abraçar o ceticismo da modernidade? É através dessas e de outras tantas indagações que o humor de "Rick and Morty" tem algo de sombrio. Ao mesmo tempo em que a narrativa é leve e escrachada, é permeada de questões que levam o público a terminar cada episódio com um certo olhar vago ou uma risada preocupada.

Assim, "Rick and Morty" é uma série hilária e com uma temática bem peculiar, que acaba atraindo muitos públicos diferentes por conter reflexões existenciais e críticas de cunho político, religioso e social. Suas duas primeiras temporadas estão disponíveis na Netflix, e sua terceira temporada pode ser assistida no site *Adultswim*, porém só com legendas em inglês.



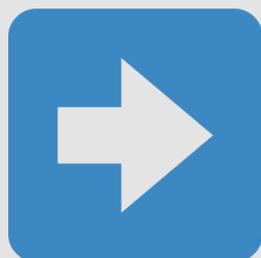
# QUAL É A BANDA/ARTISTA? JOGUINHO

Por Beatriz Ota e Juliana Segawa

1



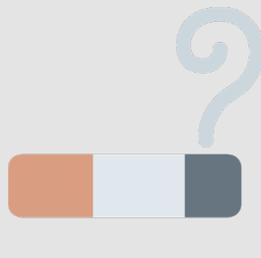
2



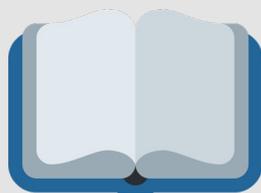
3



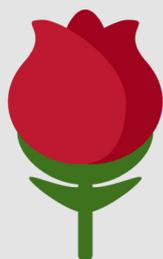
4



5



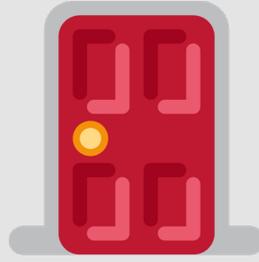
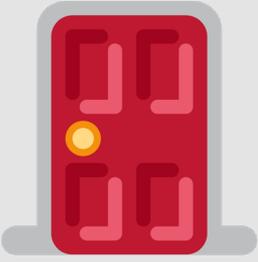
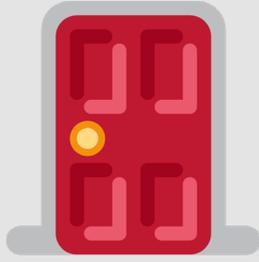
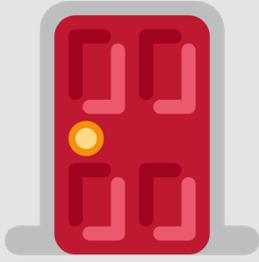
6



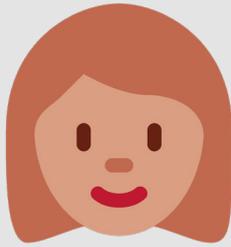
7



8



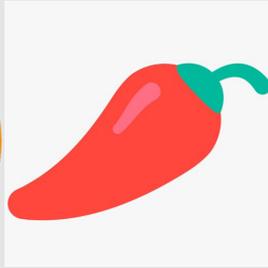
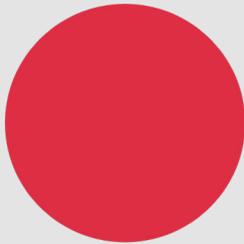
9



10



11



12



13



(1) Coldplay (2) One Direction (3) Radiohead (4) The Chainsmokers (5) Livinho (6) Guns n roses (7) Snow patrol (8) The doors (9) Queens of the stone age (10) Imagine dragons (11) Red hot chili peppers (12) Frank ocean (13) Wesley Safadão



**Décima primeira edição  
29 de novembro de 2017  
Centro Acadêmico da Engenharia de Produção  
Escola Politécnica - USP**

**Design por Marcela Okuyama  
Diagramação por Clarissa Mendes  
Revisão por Alexandre Tardin, Daniela Souza, Fernando Ferri, Flavia  
Barochel, Giuliana Zugliani, Gustavo Anjos, Juliana Segawa, Karen Ko-  
bayashi e Shelly Barbosa**